

DE DENTRO DA MEMÓRIA

A trajetória artística de Lela Martorano começou quando, ainda estudante de artes na Universidade Estadual de Santa Catarina, recebeu o Prêmio Referência Especial no V Salão Victor Meirelles, em 1998. Na série intitulada “Varais”, três imagens fotográficas em preto e branco, com um sutil aplique de cor em serigrafia, assinalariam o caminho que seria tomado pela artista. Nas imagens apresentadas no Salão, já era possível identificar as características de sua obra - delicadeza, suave movimento, paisagens bucólicas que remetem o observador (por meio do olhar da própria artista) ao mais profundo de suas memórias.

Antes, Lela aventurou-se por vários suportes – pintura, collage, gravura, fotografia –, mas foi esse trabalho fotográfico, particularmente, que delineou toda a sua poética. A partir de então, Lela buscou em suas próprias raízes a matéria-prima do seu fazer artístico, transformando a própria memória em sua forma de expressão.

Vieram muitas exposições, individuais e coletivas, nas quais a artista explorou o suporte fotográfico para transformar imagens chapadas em revelações etéreas de recordações que nós, espectadores, nem sabíamos que tínhamos.

Nos arquivos de família, Lela encontrou a base para o desenvolvimento de sua linguagem artística – mais precisamente nos slides do pai, fotógrafo amador que retratou o convívio familiar, a paisagem da região serrana de São Joaquim, onde Lela nasceu e viveu sua infância, as casas antigas de madeira da cidade, imagens dotadas de branda solidão, delicadeza, sonhos e muitas lembranças.

Nas imagens da artista, distintas camadas de tempo se revelam, compondo uma memória que constantemente transita entre a invenção e a reconstrução. A fotografia é questionada quanto ao seu papel de registro, de documento. O que a artista pretende é, segundo ela própria, “deslocar o observador para outro lugar, o lugar da memória. Reivindicar um tempo próprio, pois as imagens apresentadas pertencem simultaneamente ao presente e ao passado, provocando uma momentânea libertação do tempo”.

Sua pesquisa com a linguagem fotográfica e cinematográfica permitiu que Lela experimentasse novas paisagens, registros de inúmeras viagens reais e imaginadas, portas e janelas que se abrem para outra dimensão, flores que invadem cidades, casas transformadas em lugares oníricos, caixas que guardam lembranças visuais, táteis e olfativas. Experimentou também novas formas de apresentação de sua obra: intervenções, instalações, projeções em móveis, objetos, vídeo-objetos, imagens projetadas em imagens, imagens projetadas em paredes e refotografadas, fixas e/ou em movimento, sobreposições, multiplicação de registros. Grandes formatos e diversos suportes foram utilizados, como filmes super-8 e 35 mm, papel fotográfico, impressão em placas de acrílico e outdoors. E sempre com um único objetivo: “Busco trazer para a obra esta sensação que temos ao recordar um lugar ou um acontecimento, com todas as armadilhas que a memória produz na tentativa de encontrar a melhor representação, combinando percepções e sensações, reconstruindo-se constantemente”, revela a artista.

Sobre seu trabalho, escreveu o curador e artista Fernando Lindote, em 2003: “(...) Lela mergulha nos processos próprios do meio. Realiza experiências que vão além do momento do enquadramento da composição ou do disparo do obturador. Interferindo no momento da ampliação das fotografias, seja pelos movimentos com a folha de papel fotográfico, seja pelo uso do revelador com pincel, a artista reabre a série de invenções de “Varais”, em nova chave. A ficção de suas imagens se torna mais densa e complexa. (...) E a recordação preenchia, então, as lacunas da memória com o suplemento ficcional das imagens do presente”.

A exposição “Mar de Dentro” é também resultado dessa exploração incessante da imagem e sua projeção: nas fotografias em grandes dimensões, coladas diretamente na parede como um lambe-lambe, evidencia-se o caráter efêmero da obra, com imagens que se aderem à superfície, tal como uma projeção. Os vídeo-objetos aqui apresentados provocam questionamentos acerca de se o que é visto é movimento ou ilusão. São pequenas caixas com seis slides cada uma, imagens paradas que se unem e são inundadas por uma imagem em vídeo, que ilumina o conjunto. “A imagem-luz, pulsante e vibrante como a própria memória, reconstrói as imagens a todo o momento”, explica Lela.

“Mar de Dentro” revela uma obra madura e consistente, em que a artista explora a relação entre memória e fotografia, lugar e público, tempo e espaço, passado e futuro. Percepção, consciência e memória são as chaves para entender o mar de imagens de Lela Martorano e adentrar sua obra.

Adriana Martorano